

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno..... 45000 réis.

Numero pago á entrega. 3090

N.º 31 — VOL. III.

Sabbado 6 de Agosto de 1850.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno... 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A casa quadrada de Nimes — Personagens historicas — Quadras historicas, continuacão — A cidade de Bolonha — A porta de Visnagra em Toledo — A saudade — O velho de bom gosto — Alva Estrella, continuacão. GRAVURAS: — Estatua de Pedro Paulo Riquet, e d'Ambrosio Pare Torres inclinadas de Bolonha — Porta da cidade de Toledo.

Historia da actualidade.

As senhoras de Milão abriram uma subscrição para um monumento de marmore que querem oferecer á imperatriz dos francezes.

— Vão-se estabelecer relações diplomaticas entre Roma e a Turquia.

— A 8 do corrente devem reunir-se em Zurich os plenipotenciarios de França, Sardenha e Austria, afim de concordarem definitivamente nos arranjos da paz.

— O mercado de coreaes em Nova-Yorck apresentava tendencias para a baixa.

— O grã-duque Constantino da Russia fará proximoamente uma viagem a Inglaterra.

— A Austria começou a publicar a sua correspondencia official relativa á guerra de Italia, e outro tanto fez a Prussia. Em virtude d'essa publicação parece provavel o restabelecimento da boa harmonia entre as duas grandes potencias alemãs.

— A camara municipal da cidade do Funchal abriu concurso para a illuminacão a gaz da mesma cidade.

— O principe de Metternich, filho do celebre diplomata do mesmo titulo, e o portador da resposta do imperador de Austria á carta do imperador dos francezes.

— A Inglaterra continua os seus armamentos, o que tem suscitado diversas interpellacões em ambas as casas do parlamento, a que o gabinete

responde com as reservas que nunca esquecem a um ministro inglez.

— Mazini mandou para a Italia um violento manifesto em que pretende demonstrar aos italianos que tem estado illudidos, por que tem sido o ludibrio da vaidade dos principes.

— Em Turim ainda ha perto de oito mil francezes, parte dos quaes espera, de um momento a outro, ordem de marcha, ficando outra parte acampada nas cercanias da cidadella.

— A policia apprehendeu um tal Quintino José, por se lhe terem achado 707:000, que roubara a Joaquim Ferreira.

— Foi assignado o contracto provisorio celebrado entre o governo e D. José Salamanca, para a concessão das vias ferreas para o Porto e Badajoz.

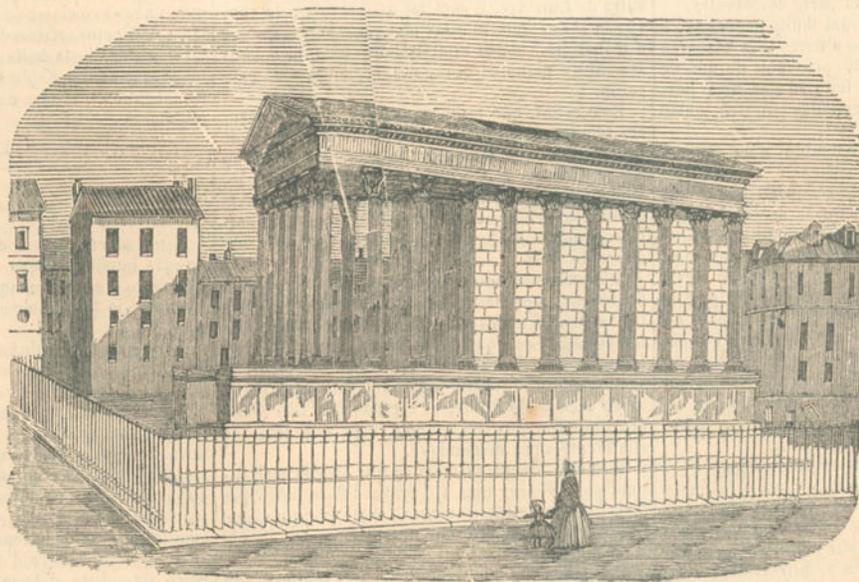
Quem não verte lagrimas ante o quadro de uma desgraça, e porque no coração não alberga sentimentos de humanidade.

A casa quadrada de Nimes.

É de presumir que desde os primitivos tempos em que os homens se reuniram em sociedade, e apenas uma religião commum lhes fez sentir a necessidade de se juntarem para as praticas do culto, necessariamente tiveram de construir edificios consagrados em especial ás ceremonias religiosas. Quando abandonaram as tendas, barracas, e carroças por habitações fixas e mais solidas, não podiam deixar de dedicar á divindade edificios mais sumptuosos do que aquelles que habitavam. Assim foi, portanto, que a religião deu principio á architectura, que pelos seculos seguintes tinha de continuar a inspirar, para nos transmittir, como effectivamente nos legou, bellos primores d'arte n'este genero.

Foram simples, não ha duvida, as primeiras aras levantadas em honra da divindade; mas foram-se depois aperfeigoando, conforme a indole de cada povo, e magnificos deveram ser os templos dos phenicios, egypcios, caldeos e mais povos de que reza a historia da antiguidade, e onde as artes, caminhando apart do estudo das outras sciencias, chegaram a tal grau de perfeição, que os homens de hoje se admiram que com tanta mingoa de instrumentos se podessem pôr em pratica. Ahi temos o antigo testamento para nos mostrar a sumptuosidade do templo de Jehovah, esse primor de riquezas que o rei Salomão fez construir.

O paganismo, instalando-se apoz a conquista, propagou pela terra os deuses de que estava ricado, e povo nenhum mais do que o romano centuplicou o numero das divindades, assim como os templos que eram de muitas e variadas formas. E curiosa a historia d'estes templos, e antes de fallarmos do que faz objecto da nossa estampa de hoje, alguma



A casa quadrada de Nimes.

coisa diremos dos diversos modos de applicação das ordens d'architectura a esses monumentos religiosos.

Os edificios dedicados aos deuses recebiam, segundo o seu uso e importancia, os nomes de *templum*, *fanum*, *delubrum*, *oedes* ou *oedacula*. Outros nomes indicavam sua forma ou configuração, e distribuição da planta ou plano.

Chamava-se templo *monoptero* aquelle que simplesmente offercia uma cupula, assentada sobre columnas dispostas em circulo, e cujo santuario não era fechado. O templo *in antis* foi o primeiro regular, conforme a opinião de Vitruvio.

Este templo, o mais simples de todos que eram adornados com columnas, apresentava só duas columnas na fachada, e duas pilastras nas extremidades das paredes lateraes prolongadas com o nivel d'essas columnas, e chamadas *antes*. O templo *prostylo* que differia d'aquelle na substituição que se fazia das columnas ás pilastras. O templo *amphiprostylo*, ou *duplo-prostylo*, que apresentava quatro columnas na fachada, e quatro na face posterior. De resto, esta designação de *prostylo*, apesar de empregada por Vitruvio no sentido acima indicado, tambem se pode dar aos templos que tem columnas na fachada, pois que o termo *prostylo* simplesmente quer dizer — que tem columnas á frente. Portanto seria melhor designarem-se pelo termo *tetrastylo* aquelles que tem quatro columnas, que tal é o significado do dito termo.

Nos templos *peripteros*, as columnas cercavam inteiramente o edificio; os porticos lateraes eram designados pela palavra *alas*, alas.

A esta cathogoria é que pertencem os mais famosos templos da antiguidade. A columnata correndo em volta do templo dava-lhe uma apparencia grandiosa, apesar de tender a apertar a *cella* — ou o interior do templo, que ficava assim reduzido a acanhadas proporções. Foi para remediar este inconveniente, conservando contudo ao edificio o seu nobre e elegante aspecto, que se inventou o templo *pseudo periptero*, ou *falso periptero*, no qual as columnas das alas, ou faces lateraes, e da fachada posterior ficavam metidas nos muros da *cella*, a qual se augmentou assim com todo aquelle espaço, que, nos templos *peripteros*, separava a muralha das columnas do portico.

Uma dupla columnata cerca os templos *dipteros*; e nos *pseudo dipteros*, a segunda feira de columnas fica na fachada.

As columnas eram sempre em numero par nas fachadas dos templos; e segundo o numero d'ellas — quatro, seis, oito, dez, ou doze, assim os templos tomavam as denominações de *tetrastylo*, *hexastylo*, *octastylo*, *decastylo*, ou *dedocastylo*. Certos templos, a que os gregos chamavam *hypteros* e os romanos *subdiales*, não tinham cobertura, ou tecto; pelo menos eram em parte descobertos.

Os templos, em geral, eram muito pequenos; a *cella* quando muito tinha só a necessaria extensão para a estatua e altar. Isto provinha de que de ordinario o sacrificio era feito só por uma pessoa, e em occasiões de ceremonias publicas, então o povo ficava fora do templo.

O portico, que precedia o templo, e no qual estava assentada a porta, chamava-se indifferentemente *frons*, *pronaos*, *prodromos* e *anticum*. *Frons* designava contudo de uma forma especial toda a fachada. O extremo opposto no templo denominava-se *posticum*. Costumava haver aqui uma casa, chamada *opistodomos* pelos gregos, e que servia para guardar os ex-votos, o thesouro do templo, e até mesmo o thesouro publico; e a que os romanos haviam posto nome de *penetrals*, e ali punham em pratica os ritos mais mysteriosos da religião. Finalmente a *cella*, ou santuario, tinha nome de *domos*, *secos*, ou *naos*, e o local onde estava a estatua da divindade, appellidava-se *thalamos*, leito.

Agora fallemos do assumpto da estampa.

A *casa quadrada* de Nimes, occupa o primeiro lugar entre estes edificios das antigas divindades, que o tempo tem respeitado conservando-os ainda de pé. Ha quem diga que elle pode ser comparado aos mais puros de estylo architectonico, e aos mais excellentes da propria Italia. A construcção d'este admiravel monumento é attribuida ao im-

perador Adriano, que, ao regressar da Grã-Bretanha, se demorou por algum tempo na Gaula Narborneza, e edificou em Nimes uma basilica em honra de Plotina, mulher de Trajano, e á qual devia elle a sua adopção. Effectivamente foi em Nimes que elle recebeu a noticia da morte d'aquella princeza. Esta opinião, apesar de combatida pelos antiquarios, parece justificada pelo estylo do monumento que é tão nobre, e mais rico do que o Pantheon de Roma; e é tambem a opinião mais acreditada.

Este templo, cujo comprimento é de trinta e seis metros sobre dobro de largura, é do numero d'aquelles que Vitruvio classificou como *pseudo peripteros*. Sobee-se para elle por uma escadaria de dez degraus assentados entre os dois grandes pedestaes do portico, composto de seis columnas de face ou frente, e tres em profundidade em cada um dos lados. Além d'estas tres columnas, cada lado, ou ala, apresenta mais oito metidas nas paredes da *cella*. As columnas, corinthias cancelladas, são de bella proporção, e os capiteis, enfeitados com folhas de oliveira, são primores de execução e delicadeza. As molduras das bases das lumnas prolongam-se pelas paredes e cingem o templo mai elegantemente. O friso tem a cimalha ornada com cabeças de leões de rara magnificencia; e os festões bellamente trabalhados, correm o mesmo friso em todo o comprimento.

A *casa quadrada* esteve por muito tempo abandonada aos estragos do tempo e dos homens, até que em 1826 se transformou em museu, no qual se reuniram muitos fragmentos de esculptura e architectura antiga, encontrados ali mesmo em Nimes. Este museu encerra além d'isto uma excellente galeria de quadros, entre os quaes tem lugar mais distincto o retrato de Cromwell, devido ao pincel de Paulo Delaroché.

Personagens Historicos.

II

RIQUET.

Pedro I paulo de Riquet, barão do Bom Repouso, nasceu na cidade de Beziers no primeiro quartel do seculo xvii. A sua familia era oriunda de Florença, mas havia muitos annos, que se viera estabelecer em França.

Contando apenas vinte annos de idade, Riquet concebeu o gigantesco projecto de unir o Mediterraneo ao Oceano por meio de um canal de cento e cinquenta leguas de extensão. E sem mais companhia que a sua resolução, sem mais protector que a sua intelligencia, poz-se a caminho de Versalhes, solicitou uma audiencia de Colbert, depois requereu outra de Luiz xiv, e com tal arte e força de convicção lhes expoz as suas idéas e esperanças, que o monarcha e o seu ministro approvaram o pensamento e plano da obra, encarregando-o da execução.

Esse canal, que tanto se desejava e tentou fazer em tempos de Francisco i, de Henrique iv, e de Luiz xiii, e que Pedro Paulo Riquet teve a gloria de executar com a maior felicidade e perfeição, ajudado do engenheiro Andreossi, é o canal de Languedoc, o principal da França, e uma das obras mais grandiosas não só do reinado de Luiz xiv, mas do seculo xvii.

Riquet luctou desde o principio com infinitas difficuldades. A primeira, e maior de todas, foi a falta absoluta de meios para se emprender uma obra tão colossal, pois que o ministro Colbert, nas conferencias que tivera com o autor do projecto, apresentara como obstaculo insanavel para a sua realisção a falta de dinheiro, dizendo que não podia distrahir dos cofres do estado a verba avultada, que semelhante obra demandava.

E' muito singular o meio de que lançou mão Riquet para vencer uma tão grave difficuldade, que faria desanimar inteiramente a outro qualquer, que não tivesse como elle tão grande força de vontade e perseverança.

Quando o ministro, depois de lhe exprimir a sua approvação e bons desejos, lhe fez ver, como desculpa, as circumstancias do thesouro, respondeu-

lhe Riquet, que se lhe desse licença de entrar com toda a liberdade no seu gabinete, todas as vezes que quizesse, esperava poder arranjar quantia avultada com que se começassem e fossem por diante os trabalhos.

Annuiu de bom grado Colbert a este pedido, e Riquet, esperando a epoca da renovação dos contractos ou arrendamentos dos impostos publicos, entrou no gabinete do ministro, no momento em que para esse fim ali se achavam todos os contractadores ou rendeiros geraes dos tributos do estado, e foi sentar-se a um canto da sala sem dizer palavra.

Isto repetido por tres dias consecutivos fez suppor aos contractadores, que aquelle mancho era um amigo intimo do ministro. N'esta supposição procuraram occasião de se encontrarem com elle n'outro lugar, onde melhor lhe podessem significar a sua consideração e estima. Era exactamente o que Riquet pretendia. Por conseguinte tratou logo de encetar conversação com elles a respeito do seu projecto de canal, dos desejos que tinham elle e o seu ministro de dotar o paiz com um tão importante melhoramento, e dos obstaculos, que se oppunham á realisção da obra por carencia de dinheiro. Os contractadores, vendo um ensejo tão opportuno para captar ao mesmo tempo a benevolencia real, a estima do ministro, e a protecção do seu valido, offereceram a este um donativo de quinhentos mil francos para o canal projectado. Tal foi o recurso com que se deu começo aos trabalhos.

Não logrou porém Riquet ver o complemento da sua obra; pois falleceu em 1680, e a abertura do canal á navegação teve lugar em Março do anno seguinte.

Depois da morte de Riquet, tendo Luiz xiv mandado Vauban inspecionar o canal de Languedoc, este illustre engenheiro, tomado de admiração á vista dos immensos trabalhos, que fora necessario executar, e das grandes difficuldades, que o terreno apresentava, e que com tanta arte foram vencidas, exclamou cheio de enthusiasmo:

— E ainda aqui não vejo levantada uma estatua ao autor de todas estas maravilhas!

A estatua que Vauban debalde procurava descobrir sobre as margens do canal, só passados quasi dois seculos se inaugurou. Pertenceu á sociedade archeologica de Beziers a honra de ter tomado a iniciativa, e de concorrer poderosamente para que fosse pago esse tardio tributo de gratidão nacional á memoria de um dos maiores bemfeitores da industria franceza.

Esta sociedade promoveu pois uma subscrição, que produziu cincoenta mil francos, e com esta quantia erigiu a estatua de bronze, de que é copia a estampa junta. E para que o monumento fosse em tudo digno da illustração, que devia commemorar, quiz que se associasse ao bronze o nome de um dos mais distinctos artistas da França. David d'Angers foi o autor d'esta bella estatua, cuja inauguração teve lugar no dia 27 de Outubro de 1838, no meio de magnificas festas, e de enthusiasmas alegrias populares.

AMBROSIO PARÉ.

Este homem, que o destino collocara em uma posição humilde, e que se intitulava barbeiro de Francisco i e de Henrique ii, reis de França, é considerado hoje como o creador da cirurgia franceza.

Nasceu na cidade de Laval pelos annos de 1517. As circumstancias mesquinhas de seu pae não só lhe não permitiram estudos regulares, mas nem mesmo uma educação mediana. Se o talento não brotara na sua alma, se o não impellira o genio, teria por sorte a miseria e a obscuridade. Mas aquelles sublimes dotes, inspirando-lhe o amor do estudo e do trabalho, e o ardente desejo de se elevar acima da sua esphera, fizeram com que adquirisse fortuna e reputação.

O primeiro mestre d'Ambrosio Paré foi um barbeiro da cidade d'Angers, que lhe deu algumas lições da arte de curar feridas. No fim de pouco tempo, vendo exausto todo o peccuto scientifico

do mestre, resolveu procurar outra fonte de mais sciencia.

Tomou pois o caminho de Paris, onde conseguiu ser recebido como aprendiz em casa de um cirurgião barbeiro, que passava pelo mais habil da capital.

Aqui demorou-se mais algum tempo; mas tendo aprendido tudo quanto este mestre lhe podia ensinar, lembrou-se de entrar para um hospital, a fim de pedir a pratica novas lições, ou mais amplas occasiões para exercer a sua intelligencia e applicação. Admittido no *Hotel-Dieu*, não se poupou a esforços e sacrificios de especie alguma, para augmentar a escala dos seus conhecimentos. Estudando sempre, e levando o seu espirito de observação ás coisas mais minuciosas, fez importantes descobertas, que muito aproveitaram á humanidade.

Passados tres annos deixou Ambrosio Paré o hospital, para vir estabelecer-se na cidade como cirurgião. Por este tempo, ou pouco depois, reventou a guerra entre o imperador Carlos v. e Francisco I. Aquelle invadiu a Provença com um numeroso exercito, e este apressou-se a sair-lhe ao encontro á frente das legiões francezas.

Ambrosio Paré não quiz desprezar o ensejo de ir exercitar a sua arte em um acampamento militar, aonde tantos casos, novos para elle, se deveriam proporcionar ao seu estudo e meditação. Partiu por conseguinte para a campanha, fazendo parte, como cirurgião, do corpo de exercito commandado pelo marechal Montejan.

Não tardou a dar-se a primeira batalha, e assim teve logo entregues ao seu cuidado grande numero de feridos, desde simples soldados até ao marechal de Brissac. Foi então que Paré desenvolveu o seu não vulgar talento. As curas maravilhosas, que fez, e sobretudo uma bala que extrahiu com summa habilidade e subtilza ao marechal de Brissac; alcançaram-lhe boas recompensas, e uma grande reputação. Porém superior a tudo isto foi a gloria, que ahi adquiriu, pelos descobrimentos que fez no tratamento das feridas, pelos aperfeiçoamentos que introduziu nas operações, e pelos conhecimentos que obteve e divulgou relativamente ao corpo humano.

Achando-se, tempo depois (1545), no cerco de Bolonha, em que o duque de Guise foi ferido com uma lança, que lhe atravessou a cabeça desde o canto do olho direito até á orelha, executou com o mais feliz resultado a difficil operação de extrahir um pedaço da lança, que se partira, e ficara dentro, curando depois completamente a ferida.

Pacificada a França voltou para Paris, occupando-se então com desvelo no estudo da anatomia, sobre a qual compoz e publicou uma obra de bastante merito.

Accendendo-se de novo a guerra, Paré acompanhou o exercito (1552), e assistiu a todos os combates. Os seus serviços durante esta campanha renderam-lhe a distincção de ser admittido ao numero dos cirurgiões d'el-rei.

D'ahi em diante, todas as vezes que rompia alguma guerra, Paré era enviado onde a lucta se empenhava com mais encarniçamento.

Achando-se na cidade de Hesdin, que estava cercada pelas tropas do duque de Saboia, caiu em poder do inimigo juntamente com a praça.

Apenas o duque o viu seu prisioneiro, enviou-o a um seu general, que tinha uma ferida na perna, a qual fóra declarada incuravel por todos os facultativos que a tinham examinado. Paré começou a tratá-la, e em pouco tempo estava cicatrizada, a ponto que lhe concederam a liberdade.

Regressando a Paris, foi acolhido com muitas honras e festas.

Em 1562, reinando Carlos IX, Paré seguiu o exercito francez aos cercos de Blois, de Tours, de Bourges, e de Rouen, onde prestou serviços de tal ordem, e fez curas tão prodigiosas, que na sua volta á capital foi nomeado primeiro cirurgião d'el-rei, graça muito especial e honorifica, até então não concedida a pessoa alguma.

Paré tinha feito uma reforma quasi completa na pratica da alta cirurgia militar. As suas novas doutrinas começavam a espalhar-se pela Italia e pela Alemanha. Na França eram geralmente admiradas e acatadas, porque os factos, que falla-

vam em seu favor, eram innumeraveis e incontestaveis. Varias obras, que depois publicou, causaram uma grande sensação pela novidade das idéas.

Continuando o facho das guerras estrangeiras e civis a assolar o bello solo da França, vieram terriveis epidemias agravar os horrores d'essas luctas sanguinolentas. Este flagello deu causa a manifestarem-se em toda a sua grandeza os dotes do espirito e do coração do illustre Paré. As provas, que deu em tão difficeis circumstancias, do seu zelo e intelligencia como facultativo, da sua actividade e coragem como homem, e emfim do seu amor do proximo como christão, levaram ao mais alto grau a admiração, estima, e respeito em que já era tido por todos os seus concidadãos.

Por esta occasião Paré recebeu em muitas cidades, por onde passou, e especialmente em Malines, Bruxellas, e Antuerpia, ovações e festejos publicos, como nunca se fizeram antes, nem depois, a facultativo algum.

Para se fazer idéa da subida consideração, que desfructou, bastará dizer que n'essa epoca em que os populares eram tidos pelos reis e nobres em tão pequena conta, Paré foi nomeado por Henrique III, que acabava de subir ao throno, moço da real camara, e pouco depois seu conselheiro.

Nos ultimos annos da sua vida foi este illustre facultativo inquietado pelo ciume e rivalidade dos medicos, chegando a universidade de Paris a mover-lhe questões, e pretender perseguil-o, com o dretecto de que elle, tanto nas suas obras, como na sua clinica, invadia os limites da medicina. Felizmente Henrique III tomou o partido do seu distincto cirurgião, e impoz silencio á universidade.

Ambrosio Paré foi casado duas vezes, e deixou duas filhas do segundo consorcio. Falleceu no dia 20 de Dezembro de 1590 com mais de setenta annos de idade, abrangendo a sua vida seis reinados: Francisco I, Henrique II, Francisco II, Carlos IX, Henrique III, e Henrique IV, que succedeu na corôa alguns mezes antes da sua morte.

Em 1840 publicou-se em Paris uma bella edição das obras completas de Ambrosio Paré em tres grossos volumes em 8.º Em Julho d'esse mesmo anno foi inaugurada na cidade de Laval a sua estatua de bronze, obra do insigne escultor David d'Angers.

A estatua representa-o em pé, com a cabeça ligeiramente inclinada sobre a mão direita, como quem está meditando. Com a mão esquerda vae pegar em um dos instrumentos chirurgicos, que se vêem junto d'elle sobre uma rima de livros, que são as suas obras, e cujos titulos indicam que tem sido traduzidos em muitas linguas. Um arcabuz, encostado aos livros, recorda os seus serviços como cirurgião militar. No pedestal lê-se a seguinte singela inscripção: *Eu somente os tratei, Deus é que os curou.*

Esta bella estatua é uma das melhores produções d'aquelle eximio artista.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Quadras historicas.

Continuação *

III

CARLOS MAGNO.

Tratando de Carlos Magno não nos cingimos a uma biographia; nem são estas as attribuições do nosso plano. O nome d'esse grande vulto anda encadeado a uma epoca historica. Ha homens cuja vida constitue a chronica do seu tempo. Carlos Magno, Othon o grande, Rodolfo d'Apsburgo, Christovão Colombo, Luiz XIV, Napoleão, e outros semelhantes, encerram em si a descripção dos acontecimentos do tempo em que viveram. Em cada um d'elles cifra-se uma epoca. A chronologia guarda-os como pontos d' partida para a contagem das suas eras.

(*) Do num 26

Mas para apresentar todos estes homens na arena da historia é mister remontar aos successos que os levaram á posição a que deveram poder-se tornar superiores; é preciso examinar de que maneira os acontecimentos se prepararam em seu favor, como que dispondo o cumprimento da predestinação de cada um.

Para fallar de Carlos Magno, convém mostrar porque peripecias passou a Gallia, e a primeira dynastia dos frankos, para abrir accessos ao throno á familia do grande imperador.

Os gallos viviam tranquilos nos seus innocentes e placidos costumes. A religião dos druidas tornava-os felizes na vida, fazendo-lhes crer que só deixavam este mundo para ascenderem a outro, todo luz e amor, onde encontrariam aquelles de quem a morte os havia afastado.

Mas a ambição de Julio Cesar tentou reduzir ao dominio romano o bello paiz da Gallia. A aguia, avida de rapinas, veio pairar sobre a presa, innocente e indefesa, rasgando-lhe com as garras o coração. Os romanos fizeram as suas correrias até á Gallia, e foi nobre e heroico o esforço empregado por aquelle povo pastor para repellir o dominio estrangeiro, e conservar a sua independencia e liberdade.

A lucta, porém, era desigual. As aguerridas armas dos romanos destruíram os instrumentos de defesa dos gallos, inscios das lides da guerra. As gargaalheiras foram lançadas ao pescoso dos filhos da Gallia. Uma lugubre tragedia, plena de horrosas crueldades, é a historia da conquista romana n'aquelle malfadado paiz.

Os gallos estavam condemnados a não soffrerem só as barbaridades atrozes da orgulhosa Roma, que, jactando-se de ser o foco da civilização universal, não se envergonhava de admitir a escravidão e o despotismo. Outros invejaram a posse do seu bello territorio. Hordas de barbaros, saídos dos incultos paizes do Norte, vieram disputar aos romanos a terra gauliza.

Estabelecidos n'uma das margens do Rheno, os frankos espreitavam a occasião de invadir a margem opposta. Os romanos, querendo fazer face e conter n'outros pontos a invasão dos barbaros, que então accorriam á Europa, não poderam resistir ao impeto com que os frankos atravessaram o Rheno, e vieram, a ferro e fogo, assenhorear-se das Gallias.

Desde então nunca mas os gaulizes poderam reassumir a primitiva independencia. Os condes frankos, tomando sob a sua soberania e partilhando entre si o territorio, conteem em todos os pontos o povo gauliz, ou gallo-romano, se attendermos a que a conquista e residencia dos romanos n'esse paiz tornou mixta a raça dos habitantes, na epoca da invasão dos frankos.

Os vandalos então invadiram a Africa, os Visigodos, a Hespanha, e os Pictas, a Inglaterra; mas foram, pouco depois, expulsos do territorio usurpado; e os novos conquistadores dos gaulizes souberam fixar de tal maneira o seu dominio, que a terra da Gallia ficou sendo a terra dos frankos.

Em quanto Roma é tomada por Alarico; e Augusto, o ultimo dos Cesares, cede o throno a Odoacro, primeiro rei da Italia; e o imperio persa florece do Indo ao Euphrates; Moroveu sobre ao throno francez, e dá o nome á sua raça, que impera mais de duzentos e setenta annos.

Clovis, ou Clodoveu, entregue todos os trabalhos da guerra, estende o seu dominio entre o Oceano e o Mediterraneo; entre o Rheno e a Mancha. A sua conversão merece-lhe o ser baptisado por S. Remigio, bispo de Reims. A diligencia empregada em suster e propagar a fé, alcança-lhe do papa Anastasio o titulo de *rei christianissimo*.

Mas a dynastia merovingiana degenera com a morte de Clovis. Os filhos, cruéis e ambiciosos, retalham o territorio de seu paiz. Quatro monarchas reinam em França, disputando mutuamente a supremacia. Fredegonda e Brunchaut, mulheres de dois d'elles, declaram uma á outra guerra de morte, e enchem o mundo das suas atrocidades. Brunchaut cae nas mãos de Clotario II, que a expõe ao horroroso e deshonesto supplicio de ser despedaçada por dois fogosos cavallos, depois de horrendas torturas.

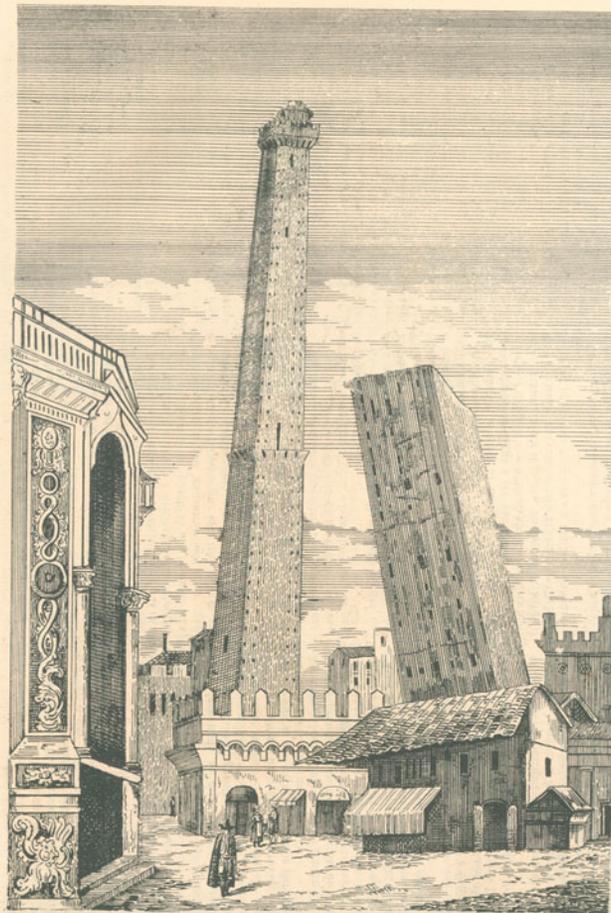
O reino enfraquece-se. Assolam-no as guerras civis. A linha de monarchas que seguem a Clovis dá



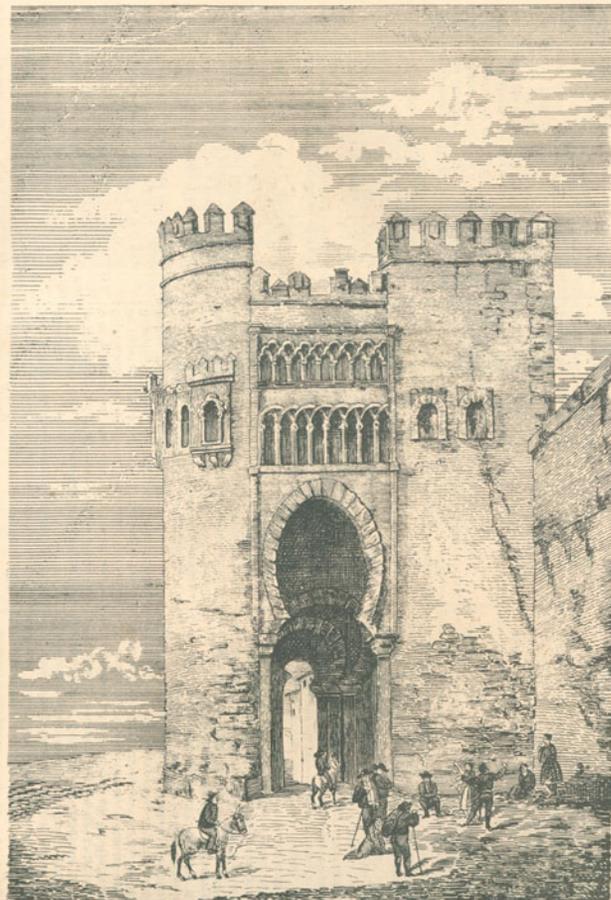
Estatua de bronze de Ambroasio Paré



Estatua de bronze de Pedro Paulo Riquet



Torres inclinadas de Bolonha.



Porta da Cidade de Toledo.

uma serie de homens perversos ou inhábéis. Os administradores do palacio, especie de mordomos, governam em lugar de seus amos. A desordem da parte dos povos, a fraqueza da parte dos soberanos, eis o estado em que a França veiu a cair, durante o dominio dos ultimos reis da primeira raça.

Dois homens apparecem para amparar o vacillante throno dos descendentes de Meroveu: Carlos-Martel e Pepino I.

As heroicidades d'aquelle grande general formam um dos mais bellos capitulos da historia de França. Em toda a parte o cercam os loiros da victoria. O clarim dos arraiaes, annunciando o combate, festeja antecipadamente a gloria de Carlos! Os sarracenos temem-no. Vencidos sempre pelo heroe francez, recuam o proprio poder, deixando ao heroe passo livre até aos Pyreneos, onde elle marca os limites do seu territorio. Roma deve a sua salvação á espada do duque dos francezes, e a thiarra de Gregorio II seria esmagada pelas mãos dos lombardos, se as armas do vencedor de Tours não fossem collocar-se entre a cadeira do Apostolo, e o throno de Luitprandi.

O povo admira e ama as virtudes de Heristel, e seus descendentes, como abomina a fraqueza dos seus reis. Cansado de vexações, põe a corda na cabeça de Pepino, filho de Carlos-Martel, e declara herdeira do throno a sua descendencia, d'onde veiu a sair o grande Carlos Magno.

Os povos, posto que ligados pelo respeito e santidade do juramento á pessoa dos seus soberanos, não tremeram ao desthronar um neto do seu primeiro monarcha. A inviolabilidade da realza, que parecia dever contel-os, pôde menos que o desespero de se verem mal governados, e sujeitos ás vexações que os condes e senhores de terras impunham aos vassallos.

Childerico III, o ultimo rei da primeira dynastia, depois de desthronado pelo voto geral da nação, é encerrado n'um mosteiro, e Pepino definitivamente declarado rei pelos estados do reino, e sagrado pela propria mão do papa Estevão III.

O novo rei soube lisonjear a vontade da nação. Contendo os poderes inferiores nos limites que o desleixo dos seus antecessores havia deixado ultrapassar, chamou a si a affeição dos plebeus, pobres servos acurados ao jugo da vontade dos despotas enfraquidos nos seus privilegios feudaes.

A nobreza, creada pelos reis merovingianos, e occulta, como a aguia, nos seus ninhos de granito, cuspiu os projectis mortiferos das ameaças dos seus castellos sobre os exercitos do novo rei; mas as phalanges de Pepino, inflamadas pelo santo amor da patria, offercem-lhes a prova do nada do seu orgulho, assaltando-lhes os parapetos das fortalezas, abrindo-lhes os pannos das muralhas, arrasando-lhes os soberbos bastiões, e quebrando, em mil fragmentos, os altivos escudos de pedra dos seus portaes.

E não foi possivel resistir á energica vontade de um povo, que arrancava a corôa a seus velhos reis para a dar ao pae d'aquelle que devia renovar o imperio do occidente; fazer pasmar o mundo com as suas façanhas; e dar assim o nome a uma epoca, assignalando com caracteres indeleveis a passagem do seu seculo na historia da humanidade.

Os primeiros actos do reinado do chefe da dynastia carlovingiana foram confirmar o seu poder, combatendo os que ousavam negar-se a reconhecer-o. Os saxonios e os lombardos são derrotados. Entra vencedor na Italia para juntar ao poder espirital da santa sé o governo temporal dos papas.

As suas armas, sempre vencedoras, levam com a victoria a religião do Evangelho aos paizes conquistados.

Mas este grande general e profundo politico, cuja morte foi chorada por toda a nação franceza, não deixa muito tempo vago o logar. Carlos Magno faz ainda maior vulto no throno das Gallias. Herdeiro das glorias militares de seu pae, excede-as nos campos da Iberia, da Alemanha, e da Italia. Estende o seu imperio até o Baltico, o Elba, o Oceano e os Pyreneos.

A ascensão d'este grande rei ao throno, mudou a face aos acontecimentos do mundo. Ha homens destinados a serem os reformadores da humanidade. São genios que Deus manda á terra de se-

culos a seculos para darem impulso ao genero humano, e fazel-o seguir mais rapido no seu desenvolvimento moral e material. Por esta forma assignalam a sua passagem no mundo, deixando memoravel a sua existencia, e sendo admirados pela posteridade.

Carlos é um d'esses homens. Collocado no throno, herdeiro dos nomes de Pepino e Carlos Martel, e por conseguinte das suas glorias e do seu prestigio, foi o instrumento de que a Providencia se serviu para estabelecer a paz entre as nações, e impellir a civilização do occidente.

As sciencias e artes, obscuras nos reinados dos descendentes de Clovis, encontram em Carlos amor e protecção; e o impulso que elle lhes dá leva-as a admiravel adiantamento em relação ao seu estado anterior, e retarda-lhes porventura a queda que mais tarde deviam soffrer.

Elevado ao zenith da grandeza, Carlos domina a Europa inteira; intitula-se rei da Italia; entra dictador em Roma, e cobre-a de magnificencia; exerce ali toda a plenitude do poder, chegando mesmo a reservar para si o direito de confirmar a successão da cadeira de S. Pedro, e fazendo-se coroar pelo papa Leão III.

Excede em poder Ireneo e Haroun-al-Rechid, os dois potentados da Asia e Africa. O dominio do mundo estava então nas mãos d'esses tres homens, vultos gigantes da historia do universo. O resto da terra, eclipsado pelos astros das suas glorias, quasi nem apparece nas chronicas da epoca, tão pouco avulta no curso dos acontecimentos sociaes.

Orgulhoso do seu poder, Carlos deixa-se levar pela ambição, e corre ás margens do Weser. Até Constantinopola chega a ser ameaçada.

Depois dirigindo-se á Alemanha, submete a Baviera, a Austria e a Hungria. As nações barbaras, até ao Vistula, curvam-se antes as armas de Carlos. Parte da peninsula hespanica é tambem conquistada.

Eleito, porém, imperador dos romanos, lança-se nos braços da paz, gosando a purpura dos Cesares. Estabelece leis uteis e instituições sabias, que fazem reuascer na Europa o amor do bello, e o gosto das artes e do estudo. Longos annos de pacifico e justo reinado acabaram de cobril-o de immarcescivel gloria.

Fundando o novo imperio do occidente, confirmou para sempre a supremacia do seu nome nos annos da humanidade, assignando uma epoca chronologica.

A historia das conquistas de Carlos Magno tem-se tornado popular. Eternos, como o d'elle, ficaram os nomes dos seus companheiros de batalha. Os romances de cavallaria, decantando as façanhas do imperador, não esqueceram tambem o famoso Rolando, seu sobrinho, morto no combate de Roncevaux.

Devemos porém dizer que os escriptores, que d'elle se tem occupado, elevam-no em um pedestal de glorias quasi impossiveis. Mas o povo, amante em geral do maravilhoso, e sinceramente credulo, accetta todas essas lendas dos narradores entusiastas.

Ao cabo de quarenta e sete annos de feliz e glorioso reinado, terminou Carlos a sua existencia.

Euz I, seu filho e successor, longe de seguir o exemplo de tão grande pae, prepara a propria ruina e a do imperio, desmembrando o territorio herdado, e promovendo assim a guerra civil, a que só poz termo um combate em que cem mil francezes regaram a terra com o seu sangue.

Os successores de Carlos Magno, vergontees perdidas de uma arvore gloriosa, degeneraram de geração em geração. De vez em quando apparece algum genio, que pretende rehabilitar as glorias do imperador; mas afinal Carlos o Gordo perde o throno imperial, e as reliquias d'elle passam a formar os principados da Italia, Alemanha e França, origens do feudalismo.

Cada um dos que ambicionavam a queda do imperio, apoderou-se n'essa occasião do que pôde, e as suas forças lhe consentiam poder defender. Feitos assim pequenos soberanos, estabeleceram o seu dominio por meio das oppressões, tyrannias e vexames, que formam a historia do governo feudal.

A Italia, não tendo já por defensor a Carlos Magno, tornou-se victima da cubica de varios tyr-

nos. A desordem alcança Roma, e o throno pontificio. Os gregos e sarracenos devastam toda a peninsula italiana. Os normandos atacam a França. O veneno acaba a existencia d'esses phantasmas chamados reis, que nem ao menos souberam conservar o que Carlos lhes deixara.

Luiz V reina um anno, e morre sem posteridade. Com elle acaba a dynastia Carlovingiana, descendente do grande Pepino. Duzentos trinta e seis annos se conservou esta raça no throno francez, e acabou sem esplendor, tendo começado, em Carlos Magno, cheia de esperanças, e rica de heroismos.

Mas o segundo ramo dos reis de França será sempre respeitado no mundo, porque produziu um homem, não só grande monarcha, mas heroe para a humanidade. Não se respeita n'elle o rei dos francezes: venera-se a grandeza do genio; admira-se a pericia do general, a providencia do homem politico, e o papel importante por elle representado no theatro do mundo.

As superioridades, em qualquer genero que primem, não pertencem ao seu paiz: são do mundo. A historia registra-as na apreciação recta, sem descer á mesquinhez das parcialidades. Filho de França ou de Alemanha, da Hespanha ou da Italia, Carlos Magno seria sempre apreciado, como um vulto gigante da historia do mundo, pelos seus feitos illustres, e pela grandeza a que o genio o elevou.

Para o seu paiz foi um bom rei, e deu o nome a uma dynastia; para a Europa foi o renovador do grande imperio; para a humanidade o protector das sciencias e artes, e o motor que lhe incitou a marcha no caminho da civilização e do progresso.

O seu amor á justiça, e as excellentes leis que estabeleceu, merecem-lhe ainda hoje o respeito dos homens intelligentes. E o finado de Aix-la-Chapelle terá sempre vicosas sobre o tumulo as corôas de loiro, collocadas pela mão imparcial da posteridade!

A. H. D'OLIVEIRA PIRES.

A cidade de Bolonha.

Bolonha é a segunda cidade dos estados pontificios. É antiquissima, e a sua universidade data do seculo V. Está situada sobre o canal de Bolonha, entre os pequenos rios Reno e Savena. Distta sessenta e oito leguas norte de Roma, quarenta e quatro sueste de Milão, e trinta sudoeste de Veneza. Tem de circumferencia uma legua e tres quartos, e encerra mais de setenta mil habitantes.

As ruas em geral são estreitas, tortuosas esombrarias. Os principaes edificios são: a sé, de bella architectura de ordem corinthia; a igreja gothica de Santa Petronilha; a de S. Domingos e outras; os paços da antiga universidade; a casa da moeda; o theatro communal; os palacios Caprara, Ranuzzi, Tanari, Sampieri, Zambecari, e Fantuzzi; o chafariz de Neptuno, com um soberbo grupo de estatuas em bronze; uma magnifica galeria de seiscentas e noventa arcadas, que, principando no extremo da cidade, percorre o espaço de uma legua, até á igreja de S. Lucas, santuario de muita devoção, e onde se vê uma imagem da Virgem, que dizem ter sido pintada pelo proprio S. Lucas.

Os monumentos, porém, que dão mais celebridade a Bolonha, são as suas singulares *torres inclinadas*, edificadas ao que parece para defesa pessoal dos seus fundadores no meio das guerras civis, que assolaram por tanto tempo a Italia.

A mais elevada foi construida em 1110 por Gerardo Asinelli. Tem trezentos e cincoenta pés de altura, cento e trinta e quatro mais do que o arco grande do nosso aqueducto das *Agua-Livres*. A sua inclinação é de mais de um pé e meio. Ainda hoje é conhecida pelo nome de *torre de Asinelli*.

Não mostra belleza alguma exterior; porém o viajante ficará certamente bem compensado da fadiga de subir os quinhentos degraus da sua escada interior, com o delicioso panorama, que se desfructa do terrado, que a corôa. Avista-se d'ahi uma longa extensão de territorio, com as cidades de Imola, Ferrara, e Modena, além de muitas villas e aldéas.

A outra torre, chamada a *Garisenda*, foi edificada no anno de 1112. Apenas tem de altura cen-

to é quarenta e cincoenta pés; porém a sua inclinação é muito maior do que a da sua vizinha, pois é de sete a oito pés.

A inclinação d'estas torres tem sido objecto de grandes controversias entre os antiquarios, querendo uns que fóra accidental, e outros ateimando que foi proposito dos architectos. E' a mesma questão que se tem dado a respeito das torres inclinadas de Pisa, na Italia, e de Saragossa na Hespanha. Todavia as opiniões mais bem fundadas dão-lhe por causa o ter abatido o solo.

Bolonha é sede archiepiscopal, e residencia de um cardeal, legado do summo pontífice. Entre os seus estabelecimentos scientificos tem o primeiro logar, o *instituto*, que encerra uma rica bibliotheca, um observatorio, e gabinetes d'antiquidades, de chimica, de physica, e de anatomia; a *academia das bellas-artes*, com duas galerias de esculptura e pintura; o lyceu philarmónico; e a *academia Filodologica*, que é de juriconsultos.

Consiste a principal industria d'esta cidade em manufacturas de seda, velludo, linho, algodão, papel, flores artificiaes, essenciaes aromaticas etc. De todos estes diversos productos tem muitas fabricas, que lhe fazem prospero e importante o seu commercio de exportação.

Os arrabaldes são encantadores. Além do santuario de S. Lucas, de que acima fallámos, é digno de menção o grande mosteiro da Cartuxa, a que chamam a *Certosa*, onde existe o mais sumptuoso cemiterio de toda a Italia.

Bolonha serviu de berço ao papa Benedicto XIV, aos pintores Guido, Dominichino, e aos tres Carraches, a Beccaria, Monti, Galvani, e outras illustrações.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A porta de Visnagra em Toledo.

Toledo, cuja fundação se perde na escuridão dos tempos, é uma das cidades que mais duramente tem experimentado a inconstancia da fortuna, e a fragilidade das grandezas humanas.

Ennobrecida outr'ora com o honroso titulo de colonia romana; clevada por Leovigildo á cathedra de capital da monarchia dos godos na peninsula; aformoseada e engrandecida pelos seus successores; depois córte de um dos mais poderosos reis moiros, que houve em Hespanha, que n'ella fez florecer sciencias e artes; mais tarde, vencidos os sarracenos por D. Affonso VI rei de Leão, que a conquistou no anno de 1085, transformada em sede do monarcha christão, que assumira ao franquear suas portas o titulo de imperador; Toledo, finalmente, que nos seus tempos gloriosos contava dentro do torreado cinto de suas muralhas mais de duzentos mil habitantes, apenas hoje encerra uns vinte e seis mil moradores.

Todavia, mais feliz do que algumas outras cidades, que nem vestigios conservam de suas extinctas grandezas, Toledo ainda mostra com orgulho ao viajante muitos monumentos, mais ou menos bem conservados, que attestam a sua florecencia, riqueza e poder n'essas diversas epochas da sua historia.

O antiquario, que visitar esta cidade, achará ali bom pasto para a sua curiosidade, e muito onde estudar a architectura e esculptura dos romanos, dos godos, dos arabes, e dos seus vencedores.

A porta de Toledo, que a estampa junta representa, chamada de *Visnagra*, é uma das tres, que dão entrada para a cidade, e um dos mais lindos monumentos que os arabes ali levantaram.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A saudade.

(PARA SE REGITAR AO PIANO).

A flor mais negra que em jardins viceja
Suave e triste que se esquia á luz,
Deu-lhe este mundo, que sublime nome!
O da saudade que o sentir traduz.

Em terras aridas que a plantem, vive!
Sem ter cultura a vigorar cresceu;
Roubada ao tronco que a nutriu não murcha,
Nem perde a cor que do pezar nasceu.

E mais ainda a florescer se mostra
No doce aspecto de melancolia,
Dando o perfume lenitivo ás maguas
D'um peito afflicto que a gemer soffria.

E sem ter mimo d'esfaltadas côres,
E' da amizade, sympathia, amor,
O grato encanto que em tributos paga
Honra á memoria na tristeza e dôr.

Acha-se ás vezes do cypreste á sombra
E ali os vivos a chorar conduz:
Vê-se das loisas mergulhada em prantos
Entre perpetuas abraçando a cruz.

Diz a saudade os sentimentos varios,
Que a magua tem e que o prazer nos dá;
Sombria e lugubre é do luto emblema,
Suave e meiga suspirar fará!

Diz tudo quanto de affeições humanas
Um peito guarda ou que de si tirou;
Diz tudo quanto um pensamento encerra,
Que d'alma parte e para os ceos voou.

O gelo e o vento que outras murcha e secca,
Matar não pode tão modesta flor;
O que outras muitas ajuntando exprimem,
Não vale o que esla só dirá d'amor.

Não vale, ai! não! nem a belleza d'essas
Se egual áquella de tão simples graça;
Nem mesmo a rosa que a vaidade ostenta
Na cor e aroma que encantar nos faça.

A rosa é fragil, seu reinado é curto,
E á mão das damas vae rival morrer.
Quando na sala ao doidejar da walsa
No chão perdida vae pisada ser.

E morre! e a dama que a trouxera ao baile
D'ella esquecida a conversar sorri;
Rainha fóra no jardim das flores,
Escrava humilde se abatera ali!

Mas a saudade que o respeito infunde
Não vem das festas figurar á luz;
Vive nos peitos escondida e triste,
E ao pé das campas onde alveja a cruz.

FRANCISCO SERRA.

Um velho de bom gosto.

Sou velho — negar não posso,
Esta verdade que enoja;
Mas n'este peito inda moço
Existe amor em pessoa.
Não riam de ver um velho,
Que não aceita o conselho,
Que a natureza lhe dá...
Fóra rir por coisa pouca:
Digam só, abrindo a bocca,
Que ratão!... Ora não ha!

Desculpem-me esta fraqueza
De que culpado não sou;
Do deus Cupido a fereza
Foi quem assim me tornou:
Palavra — o tal diabrete
Nem quer sair a cacete
D'este pobre coração,
Onde faz tamanho damno.
Sem qu' ter dar baixa a um vel'cano,
Praça do seu batalhão.

Se alguem me atacar de frente
Perguntando: ainda és feliz?
Responderei de repente:
Sim senhor, é como diz.
Não ha bella, por mais bella,
Que resista a uma olhadella,

A um volver d'olhos que eu dá...
Como as moscas no melao,
Todas me caem no laço,
Sem mesmo saber porque.

Sei porque — presentemente
Nada falta em Portugal;
A França é tão providente,
Que dos annos cura o mal...
Se o não cura, a vista embaça
Emprestando nova graça
A quem nenhuma já tem...
Aqui 'stou eu — sou um ginja,
Mas ha hi quem melhor linja
Um janota? digam; heim?

França! patria da pomada,
De cheirinho tentador,
Quanto te deve a velhada,
Que perdeu do rosto a cor!
Quanto a velha tartaruga,
Que quer alisar a ruga,
Encobrindo o ser avô!...
Quanto a que em vaidosa pecca,
E p'ra tapar a careca
Precisa lindo chinó?

Quanto te deve o marido,
Que se lembrou de casar,
C'o uma velha, com sentido
De bom dinheiro encontrar?...
Se jámais vê sem desgosto
O engehado e feio rosto,
— Que não foi quem o rendeu —
Besunte-o bem com pomada,
Verá que a dama lhe agrada,
Seja ella um camafeu.

E aquella já desdentada,
Que grande vista não faz,
Se comprar uma queixada
Do Vitry — obra capaz?...
Que lindos dentes aquelles!
E tão bonitos são elles,
Tão polidos, tão eguaes,
Que, p'ra agradar aos derrickos,
Ha quem os ponha posiços,
Arrancando os naturaes.

Sou velho mas não arreio;
Graças a taes invenções,
Encontrei seguro meio
De render mil corações;
E não pensem que me emprego
Em namorar como um cego,
Que sempre á toa escolheu:
Não tenho a velhas cubieça,
Tem corações de cortiça,
E para velho basto eu!

Gasto a manhã, quasi inteira,
Enfeitando-me no tom,
Ageitando a cabelleira,
Que me vendeu o Baron:
Depois de bem preparado,
Lavadinho e perfumado,
Saio a passear então,
Vergando linda chibata
De castãozinho de prata
E ponteira de latão.

Sou um janota perfeito
Quando entro em qualquer caffè...
Apenas tenho um defeito:
Não fumo, tomo rapé.
Sei do charuto a virtude;
Mas o fumo inda não pude
Perto das guelas sentir.
E' minha grande desgraça,
Em tomando uma fumaça
Começo logo a tossir.

Se vejo linda donzella,
Que anda só a passear,
Vou-me chegando para ella,
E começo a conversar:
«A menina vae sózinha...
«Não tem medo... coitadinha...»

«Aceita o meu braço?... sim?...
 «Tem aqui um cavalheiro,
 «Que, seguindo-a presenteiro,
 «Vae do mundo até ao fim.

Este systema amoroso,
 — Que não é minha invenção —
 Já me rendeu um famoso,
 E tremendo bofetão:
 Deu-m'o formosa donzella
 A quem eu chamei estrella,
 Deidade, e não sei que mais...
 Foi um sapo de arromba,
 Que, além de esmurrar a tromba,
 Quebrou dois dentes queixaes,

Mas soffri tanta rudeza,
 Sem contudo me zangar,
 Que os *tabefes* da belleza
 Não se devem despresar.
 Dos amores no caminho,
 A par de muito carinho
 Desgosto sempre ha algum.
 Namore a rapaziada,
 Que eu, pertencendo á veihada,
 Não fico atraz de nenhum.

Maior, 26 — 1859.

J. I. D'ARAÚJO.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

ACTO V.

O acampamento. Tendas, armas e machinas. A' direita a tenda de D. Sisnando, cerrada de opulentas cortinas. Ao longe, em perspectiva, as muralhas de Coimbra desmanteladas. Surge o dia. Ao erguer do pano as fileiras agrenas cobertas d'armas polidas e brilhantes occupam a scena. Sisnando está á sua frente, avantajando-se a todos no esplendor das armas. Mahud á sua direita; á sua esquerda o alferes; ladeiam-no os principaes chefes. Atraz o escudeiro com a espada; depois o seu cavallo de batalha seguro por dois pagens.

SCENA I.

MAHUD, SISNANDO.

MAHUD — Os guerreiros do Islam gloriam-se de combaterem ás ordens do mais valente capitão das Hespanhas, e meu senhor Ali-ben-Jussuf clama que não ha em todas ellas nem cid nem campador que vos eguale. Foi uma joia que o almanzor d'alem-mar engastou no seu diadema, e essa espada que o propheta guia, é ora raio de infieis...

SISNANDO (que o ouvira distraído, atalhando-o rápido) — Deixae-me todos! (desabrido a Mahud) Tendes tudo prestes?

MAHUD — Tudo.

SISNANDO — Será dentro em meia hora. Que esteja a hoste em armas... para assistir á humilhação d'aquelles soberbos, ou para arrasar aquelles muros!... Ide. (entra Archibaldo, atravessa em silencio o campo, e vae bater com a ponta da lança no broquel pendurado á porta da tenda de Sisnando) Que insolencia é esta?

SCENA II.

OS MESMOS E ARCHIBALDO.

ARCHIBALDO — Em nome de meu senhor D. Mendo, cavalleiro e rico homem das terras d'Aguiar e de Faria, aqui te requesto, Sisnando, que foste cavalleiro, e rico homem, para te reptares e matares com elle dentro de uma hora, em lide leal e egual, á espada e á lança, a pé ou a cavallo, sem mercê, até á morte. (bate de novo).

SISNANDO — Escudeiro, escudeiro... Sabe acaso teu senhor quem é este que assim reptá?... Sabe o que intenta? Sabe o que se passará d'aqui a uma hora?... foi uma hora que disseste, não?

ARCHIBALDO — Foi uma hora... e pois que elle o disse, hade vir...

SISNANDO — I-vos a dizer-lhe que, dentro em meia, aqui achará resposta... i-vos. (Archibaldo sae).

MAHUD — O propheta vos tenha de sua mão, senhor... Descansae... será tudo prestes. (saem).

SCENA III.

SISNANDO, SÓ.

SISNANDO — E dizem-me elles que descance!... Descansar eu!... Onde poderei já agora ter descanso?... Que vida! ai! que vida a minha!... D'onde vim, e a que vim?... Por toda a parte (percorre o theatro) por toda a parte o braço dos inimigos da minha fé... (espavorido) E eu com elles!... (longa pausa) Para onde quer que estenda os olhos... ao longe e ao perto, no passado e no presente, na terra, e na alma... até na minha alma!... não vejo senão sangue... Foram elles que me deitaram ao meio d'este sangue... Nem já posso olhar para mim! (pausa) Sisnando Oyris abriu o caminho de Coimbra aos infieis, maldito seja! O conde Sisnando renova a acção do vil Juliano!... maldito!... O cavalleiro da Palestina prostrou na terra a cruz do seu Deus... maldito!... D. Sisnando, o Espada, quebrou o robusto montante na frente das suas torres, e fez d'elle uma haste para ali arvorar o estandarte do infiel... maldito seja eternamente!... São os gritos que haõde rebentar de todos os angulos da Hespanha... (pausa — tremendo de horror e angustia) E eu que os ouço!... (longo silencio, fica com a fronte nas mãos, com voz sumida e dolorosa) Não haver ali alguém que me matasse por piedade... Não ha... não ha ninguém que me livre d'este inferno? (com os olhos no ceo caindo lentamente de joelhos) Oh! Deus! oh! meu Deus! podereis... quereis vós ainda perdoar-me?... (longa pausa — musica guerreira, e cantos ao longe) Que é isto!... Será um aviso do ceo?... (ergue-se; observa) São elles... Nem posso estar só com os meus remorsos... Veem para aqui... Se me vissem assim prostrado e miseravel, elles que me julgam ainda um homem! A este ponto cheguei de temer que me vissem!... (caminha vagaroso para a tenda, reflectindo á porta) Vamos, Sisnando, levanta o coração... Quero parecer ainda o que fui!... (compõe-se o gesto e fica firme á espera).

(Entra um cortejo de serracenos conduzindo cofres de prata de precioso lavor sobre panos de veludo vermelho franjado de ouro: walids e emires; sequito de donzellas com palmas e flores; musicas. Mahud á frente d'elles).

SCENA IV.

D. SISNANDO, MAHUD, WALIDS, AL-KAID, EMIRES, DONZELLAS, CORTEJO, COROS.

MAHUD — Perdoae, senhor, se voltamos. Vimos em nome do almanzor.

SISNANDO — E que me quer vosso amo?

MAHUD — Quer fazer a maior honra que nunca fez um chefe de crentes a cavalleiro ou emir... O almanzor soube que ereis quasi em Coimbra, e ufano de tal feito, manda-vos o melhor dos seus walids, e envia-vos estes presentes em signal do seu agradecimento, para que hajaes de o reparar por quem tomar preito por vós na cidade que vos entrega... Vede, senhor, vede como os emires da corte e as donzellas do Musslim se apressam... (n'este meio tempo tem sido depositos aos pés de Sisnando os cofres).

SISNANDO (furibundo atalhando Mahud) — Percebo, esses presentes são o preço dos que se vendem em Coimbra... e talvez a minha paga?... (plusa — terrivel) O senhor de Riba-Dão não recebe paga nem lei... senão dos seus odios! Em Coimbra não se vende ninguém... Não é com estas armas que se vencem godos (arranca a hacha pendurada ao lado do broquel sem braço, descar-

rega-a sobre os cofres, e entorna os presentes na terra).

MAHUD (ameaçador) — Senhor emir Sisnando!...

SISNANDO — Guardae-os vós, se quereis, e leveae esta resposta ao almanzor!

MAHUD (transportado) — Gloria ao maior emir das Hespanhas!

(Recomeçam as musicas e cantos. As donzellas veem depór aos pés de Sisnando as palmas e flores. Os guerreiros cantam os seus lowores. Sisnando, absorto, encosta-se á hacha e parece estranho a tudo. No mais brilhante das danças e cantos, suspende-se tudo subitamente ouvindo-se distante uma marcha funebre. Dobram ao longe os sinos em Coimbra).

SISNANDO (alçando o rosto — feramente) — Bateu finalmente a hora... Sou ainda Sisnando... Vou vingar-me!

(Teem erguido os presentes que vão entregar a Mahud. Grupam-se todos a um lado. Pelo outro entram D. Britaldo, Castinaldo, e Bertha, de longas alvas brancas, anel de escravo ao pé e a corda de esparto ao pescoço; rodeiam-n'os os de sua familia com os escudos de suas armas voltadas para baixo. Seguem-n'os os ricos-homens de Coimbra, cada qual com o seu escudo, igualmente voltado. As armas de Riba-Côa são cinco estrellas de ouro em campo vermelho, cada uma de sete pontas em aspa; timbre meio leão rompente, faxado de tres fexas negras com uma estrella na frente. As armas devem ser em geral fexas singelas, outras veiradas e contra-veiradas, ou luas ou estrellas, e sempre simples, em escudos sem quartellas. Timbres em geral, dragos ou serpes, ornados do moto principal das armas. Veem todos de olhos baixos e contristados. Sómente D. Britaldo e Castinaldo trazem o rosto sereno e erguido. Bertha vem de veo. Faz-se um momento de solenne e temeroso silencio; ouve-se unicamente em tom lugubre e compassado o dobre longinquo dos sinos da cidade).

SCENA V.

D. SISNANDO, D. BRITALDO, CASTINALDO, BERTHA, MAHUD, RICOS-HOMENS DE RIBA-CÔA, CAVALLEIROS DE COIMBRA, WALIDS, EMIRES, KAIDS, DONZELLAS, GUERREIROS, SEQUITO. Tem-se erguido o sol em todo o seu esplendor. D. GIRAL, D. EGAS.

CASTINALDO (firme) — Aqui estamos, infiel!
 D. BRITALDO — E perdoe o emir se lhe não apresento todos os escravos que devera... Mas em vez da escrava que falta... não sei como... em vez d'essa podes aceitar...

D. GIRAL — Outro do mesmo sangue.
 D. EGAS — Dois se quizeres.
 SISNANDO — Bem vaidosos sois. senhores, se pensaes valer quanto vale aquella!

D. BRITALDO — Vale o mesmo a que em seu logar te offereço... que esta escrava que venho apresentar-te... (descobre-a) eil-a, é tua filha.

SISNANDO (fulminado) — Minha?... minha filha!... (desorientado) E' minha filha!... em tal estado... a meus pés... (contém-se e lança em roda um olhar soberano).

D. BRITALDO — Que decides?

SISNANDO — Que decido?... Quem me chegou a este ponto de perdição em que me acho... quem cerrou de cadaveres de irmãos a porta que podia salvar-me da deshonra... quem me arrasou tudo n'alma... Se o ferro de Riba-Dão entrou alguma vez no coração dos teus foi só com a victoria... com o assassinio nunca.

D. BRITALDO — Curva a cabeça, Castinaldo, me-recete aquillo!

CASTINALDO — Já estou castigado!

SISNANDO — Quereis saber o que de vós decido? Ouvide. O senhor que vos quiz como escravos... e que vos tem agora por escravos... usa do seu poder, e dá-vos a liberdade.

D. BRITALDO (desesperado) — Ai! que não tinha previsto esta derradeira affronta!

CASTINALDO — Queres pois mais guerra?

SISNANDO — Podeis guial-a aos meus castellos, que eu levo de Coimbra o que a ella vim buscar. Continua.